



O livro de Emília Steuerman, recentemente traduzido para o português e publicado no Brasil, ocupa uma posição bastante singular.¹ Não apenas a psicanálise é trazida para os debates que agitaram a filosofia do século XX, como é apresentada como um interlocutor de relevo, capaz de transformar as bases da discussão e abrir novas perspectivas. Ademais, a psicanálise não comparece apenas ou principalmente em sua vertente freudiana original, mas também a partir desta renovadora genial do freudismo que foi Melanie Klein. Por esta razão, aliás, o livro, que em sua versão inglesa pertence a uma série intitulada *Problems of modern european thought*, sai no Brasil pela Imago e com uma pequena apresentação de um dos mais ativos disseminadores da psicanálise kleiniana entre nós, Elias Mallet da Rocha Barros. Ao cruzar o oceano, o livro parece ter cruzado também as fronteiras que separam as discussões filosóficas sobre razão e ética e o campo do pensamento e da clínica psicanalítica. Não se trata, em absoluto, de uma travessia indevida. Bem ao contrário: a própria autora, na página de agradecimentos, reconhece sua dívida para com a teoria e com a clínica psicanalíticas – que ela experimentou na condição de paciente. Foram estas aproximações intelectuais e vividas com a psicanálise que lhe permitiram, na condição de filó-

A psicanálise e os impasses da filosofia contemporânea

Resenha de Emília Steuerman, **Os limites da razão: Habermas, Lyotard, Melanie Klein**, trad. de Júlio Castañón. Rio de Janeiro, Imago, 2003, 188 p.

sofa, percorrer de forma original as trajetórias e os impasses de Jurgen Habermas e Jean-François Lyotard, autores a quem ela dedicou diversos outros trabalhos no campo estrito da filosofia.

Em que pese sua simpatia para com o esforço habermasiano de renovação da razão a serviço de uma refundação da ética, desde sua tese de Doutorado na Universidade de Londres², Maria Emília Steuerman dedicava-se a apontar seus limites e, mais ainda, identificar os usos restritivos e enviesados que Habermas fazia da psicanálise freudiana, usos que de uma certa forma a desfiguravam. Tal como é o caso do autor alemão, também no francês Lyotard a renovação da razão esteve a serviço de um redimensionamento das questões éticas e políticas, o que parece ser o que mais atrai Emília Steuerman. Não há como reduzir a importância e oportunidade dos trabalhos destes dois autores em um mundo tomado pelas ameaças de violência e, eventualmente, pelos remédios ultraautoritários e ainda mais violentos

que o mal que procuram erradicar (vide a reeleição de Bush!). A renovação da razão (que deveria deixar de ser monológica para ser dialógica) e o reconhecimento de seus limites – tanto no que tange aos “outros da razão”, como no reconhecimento da diversidade das formas históricas do “racional” – tornam-se necessários para que possamos conceber um mundo menos cruel, menos totalitário e mais respeitoso diante das diferenças, das diversidades culturais e das singularidades humanas; mais apto, enfim, a lidar com as alteridades. No entanto, ao retirar a Razão – com “R” maiúsculo – da supremacia incontestada e abstrata que gozava no projeto filosófico e político da modernidade para trazê-la ao campo das práticas sociais e linguageiras em suas particularidades históricas e em suas dimensões corporais e concretas (o que inclui as necessidades, os afetos, os desejos, etc.), ao destituir a Razão de sua pretendida transcendência e universalidade, os riscos são enor-

mes: a voga do irracionalismo e de um certo culto ao corporal e à diversidade em estado puro podem, justamente, impedir que da crítica ao velho racionalismo venha a emergir uma razão renovada e mais humana. Esse parece, ter sido, por exemplo, o limite do projeto filosófico de Lyotard. Por outro lado, a retomada do racionalismo em novos termos, como faz Habermas, principalmente depois de sua guinada lingüística, parece apenas breçar o próprio movimento renovador que o aproximara da hermenêutica e, mais tarde, de Wittgenstein e da pragmática. Assim, entre a contingência das razões e a necessidade da Razão, entre o universal e o particular, entre a Razão, as outras razões e os outros da razão (suas condições materiais, biológicas, sociais etc), a filosofia moderna oscila produzindo, às vezes, uma argumentação crítica eloqüente e eficaz, mas raramente avançando na construção de uma nova racionalidade e de uma nova ética. Estas questões são equacionadas nos primeiros três capítulos do livro, intitulados respectivamente “A crítica da razão: Habermas e Lyotard”, “A guinada lingüística de Habermas” e “A guinada lingüística de Lyotard”.

É no contexto desta encruzilhada que Maria Emília Steuerman procura mostrar como a psicanálise freudiana foi usada – e de certa forma, abusada – por estes autores, embora ao fim e ao cabo eles não

lhe tenham reservado nenhuma posição destacada em seus pensamentos maduros (talvez pudéssemos aí identificar formas dissimuladas de resistência à psicanálise...). Nossa autora defende a tese, porém, de que uma consideração profunda e meticolosa de Freud e Melanie Klein (o que ela realiza no capítulo 4, intitulado "Freud e Klein") traria à filosofia contemporânea elementos indispensáveis para o bom enfrentamento de seus problemas e impasses.

Na tradição estritamente freudiana, a questão do inconsciente, de seu estatuto teórico e clínico, do conhecimento que se pode obter dele e, mais ainda, das transformações que a clínica pode efetuar nas relações entre a consciência e o inconsciente (o que não supõe de forma alguma a redução do segundo à primeira) poderiam orientar o filósofo em sua discussão do que pode ser realmente uma renovação da razão que inclua seus limites como condição de possibilidade efetiva da própria razão. Ou seja: o inconsciente (e o mundo dos afetos) não é apenas um outro da razão, mas uma base efetiva para toda a atividade do pensamento racional.

Na vertente kleiniana das chamadas "relações de objeto", Emília Steurman parece ainda

mais à vontade e capaz de maiores contribuições, baseando-se tanto nas obras de Melanie Klein como nas de seus seguidores, algumas bem recentes. Parece-nos, aliás, que os momentos em que a autora introduz o viés kleiniano são os mais elucidativos e inovadores de seu trabalho. Isso ocorre de forma particularmente feliz na sequência das análises que faz dos movimentos de Habermas e Lyotard em direção às questões éticas (capítulos 5 e 6). Ao tratar das questões da ética – em especial, da possibilidade e da necessidade de uma justificativa racional para a tolerância com a diferença e a diversidade, e da convivência com a alteridade – a partir da contraposição das posições subjetivas estudadas por Melanie Klein e denominadas de esquizo-paranoide e depressiva, Maria Emília Steurman não só apresenta Melanie Klein a seus leitores filósofos (o que não é nada fácil), como desenvolve uma argumentação que não fica em nada a dever ao que se poderia exigir em rigor e argúcia a um psicanalista kleiniano. Ela nos oferece excelentes argumentos em defesa de uma de suas teses principais: a relação de objeto própria da posição depressiva é a base afetivo-cognitiva do pensamento e das atividades de conhecer objetivamente o mundo e os outros sujeitos em termos de suas diferenças e de sua autonomia. Da mesma forma, o redimensionamento de

um pilar do freudismo – o complexo de Édipo, lido pelos kleinianos seja como uma tragédia do conhecimento e do conflito entre o saber e a vontade de ignorar (Steiner), seja como a condição quase transcendental para uma relação de objeto madura e para as atividades intelectuais criativas (Britton) – dá o máximo alcance à incidência do pensamento de Melanie Klein no debate contemporâneo sobre razão, ética e justiça.

O que a autora consegue demonstrar de forma límpida e esclarecedora é que todas as conquistas do pensamento e da razão (com r minúsculo) dependem de arranjos afetivos e emocionais inconscientes que estruturam as subjetividades humanas ao longo de processos de vida muito precoces. No entanto, este condicionamento histórico e emocional da razão não a desqualifica enquanto tal, apenas aponta para as suas bases e condições de possibilidade, sem que alguma forma de irracionalismo venha a lhe tomar o lugar. Bem ao contrário, Freud e Melanie Klein são herdeiros e promotores da Ilustração; longe de a repudiarem, levam-na ainda mais longe, criando para tal uma lógica que na teoria e na prática clínica transforma continuamente as relações entre a razão e seus limites.

Trata-se, enfim, de um livro que pode, e deveria, interes-

sar ao leitor filósofo que se disponha a fazer um contato com problemas da filosofia contemporânea pelo viés inusitado da psicanálise. Naturalmente, é também um livro endereçado ao psicanalista, principalmente ao que não se tenha ainda dado conta do potencial de pensamento embutido em suas teorias e em suas práticas clínicas. Finalmente, é um livro que pode interessar a quem quer que se aflija com os impasses da história e da cultura ocidental e se interesse por novos horizontes para pensá-los, como é o caso dos cientistas sociais. Para nenhum desses leitores, certamente, será uma leitura fácil, pois a autora mobiliza informações e argumentos de procedências muito distintas e que quase nunca se encontram reunidos de forma inteligível, tal como ocorre nos seis capítulos deste livro. Por isso mesmo, contudo, Emília Steurman consegue oferecer a filósofos, psicanalistas e cientistas sociais uma contribuição sumamente interessante e oportuna.

NOTAS

1. Na Inglaterra, foi publicado em 2000 pela Routledge como *The bounds of reason. Habermas, Lyotard and Melanie Klein on rationality*.
2. Da qual o leitor brasileiro pôde ter uma pequena amostra por intermédio de um artigo publicado em 1988 (Habermas e a psicanálise". Em S. A. Figueira (org.) *Efeito Psi. A influência da psicanálise*. Rio de Janeiro, Ed. Campus).

Luís Claudio Figueiredo é psicanalista, professor na USP e na PUC-SP